

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

**CULTURA ESPANHOLA. NOTÍCIA DE ALGUMAS PUBLICAÇÕES RECENTES.
DIPUTACION PROVINCIAL DE BARCELONA. AMPURIAS.**

CARDOSO, Mário

Ano: 1946 | Número: 56

Como citar este documento:

CARDOSO, Mário, Cultura espanhola. Notícia de algumas publicações recentes. DIPUTACION PROVINCIAL DE BARCELONA. Ampurias. *Revista de Guimarães*, 56 (3-4) Jul.-Dez. 1946, p. 333-341.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães

E-mail: geral@csarmento.uminho.pt

URL: www.csarmento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

no. Seguem-se artigos de natureza vária — arqueologia, pré-história, numismática, etnografia, arte, história literária, etc., subscritos por nomes bem conhecidos, como os de Gomez Moreno, Sanchez Cantón, Vicente Risco, Bouza Brey, Carro Garcia, Angel del Castillo, Cuevillas, Joaquín Lorenzo, Taboada e outros. Também aos estudiosos portugueses foi concedida a distinção de colaborarem neste volume. E' de lastimar que tão poucos correspondessem ao honroso convite (apenas o ilustre Padre Jalhay, o Capitão Afonso do Paço e quem esta notícia subscreve), perdendo assim muitos dos nossos mais eminentes homens de Letras e cientistas esta bela oportunidade de prestarem um justo preito de admiração à memória do insigne Marcelo Macías, a quem, há mais de 50 anos, o Governô portugûes havia concedido, pelos seus elevados méritos, a Comenda da veneranda e antiga Ordem de Cristo.

DIPUTACIÓN PROVINCIAL DE BARCELONA. Servicio de Investigaciones Arqueológicas. AMPURIAS. Revista de Arqueologia, Prehistoria y Etnologia. Barcelona, 1945-46. Tomo VII-VIII.

Este magnífico volume da prestigiosa Revista barcelonesa abre com um belo estudo do Professor Schulten, iberólogo insigne, que felizmente se encontra de novo em Espanha para prosseguir nos meritórios trabalhos a que tem dedicado toda a sua vida de investigador, e ao qual os estudos hispano-portugueses tanto devem.

O artigo com que o sábio professor de Erlangen ilustra as páginas da revista AMPURIAS intitula-se *Las Islas de los Bienaventurados*, e faz a história desta remota designação literária dada pelos antigos à nossa Ilha da Madeira, cuja existência já era conhecida dos fenícios nas suas remotas navegações para o Ocidente, designação também atribuída às Ilhas Canárias, a que erradamente alguns escritores latinos chamaram *Insulae Fortunatorum* e *Fortunatae Insulae*, quando a tradução exacta da antiga expressão grega seria *Arva beata*. Assim lhes chamou Horácio.

O sábio historiador encara esta velha questão não só sob o ponto de vista da lenda, que localizava naquelas ilhas o lugar ideal para onde os mortos virtuosos e os semi-deuses iam gozar a vida paradisíaca do Além, mas ainda como a confirmação de um facto concreto de história da geografia, mostrando-nos que o interesse dos antigos por aquelas ilhas provinha de as considerarem como limite da primeira étape do caminho marítimo para um continente desconhecido, que suspeitavam situado do outro lado do Oceano.

Numa das notas deste erudito estudo (nota 4 da pág. 14) diz o sábio Professor que «os italianos» voltaram a descobrir a Madeira no século XV. Os italianos não. E' certo que, em meados desse século, o navegador venesiano Cadamosto aportou à Madeira, porém ao serviço da Coroa Portuguesa; mas parece fora de dúvida que já no século anterior, os portugueses, além do conhecimento da costa africana e das Canárias, tinham notícia directa do Arquipélago da Madeira, bem como de algumas das ilhas dos Açores.

*

Segue-se um trabalho sobre o Paleolítico português, do Sr. Dr. George Zbyszewski, que, em colaboração com o insigne Abade Breuil, já em 1942 nos dera, no tomo XXIII das Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal, o estudo mais importante que possuímos do Paleolítico das jazidas marginais do estuário do Tejo. Colabora no presente tomo da Revista AMPURIAS com um estudo de novas estações paleolíticas do nosso litoral. Na recolha dos materiais destas duas estações trabalharam também os arqueólogos Flaes, Mendes Leal e a Sr.^a D. Virginia Rau, que ainda há pouco, em Lisboa, defendeu, com brilho invulgar, a tese do seu doutoramento em Ciências Históricas. Ao Sr. Zbyszewski coube a descrição e o estudo das peças agora obtidas.

De todas as investigações sobre o Quaternário do litoral português são as efectuadas na zona da Estremadura as que melhor se conhecem, especialmente através dos estudos publicados desde 1940, nas Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal. As duas jazidas

presentemente estudadas são a do Forte do Cavalo, em Sezimbra, e uma outra próxima da Nazaré. Na primeira, foram encontrados e estudados, num nível marinho *tirreniense* diversos exemplares de indústria *acheulense* de estilo micro-lusitano, e outras peças mais recentes, correspondentes a uma indústria contemporânea do *mustierense*. A estação da Nazaré, situada a noroeste da povoação, deu peças do acheulense antigo, de influência *abbeyillense*, diversos raspadores do tipo *languedocense*, núcleos do tipo *levalloisense*, lascas de quartzo e de sílex, etc. O Sr. Zbyszewsky, com a sua reconhecida competência, descreve proficientemente estas séries tipológicas, agrupando-as de harmonia com a técnica das indústrias a que pertencem, e enquadrando na devida classificação os exemplares descobertos.

*

Ainda em colaboração com R. Flaes, dá-nos o Sr. Zbyszewski, no artigo a seguir, notícia de uma outra estação paleolítica, situada entre as Caldas da Rainha e a foz do Arelho. A região das Caldas da Rainha tem sido largamente explorada, durante bastantes anos, por diversos investigadores, como Félix Alves Pereira, Choffat, Costa Cabaço, Manuel Heleno e outros. A nova estação, agora localizada, deu variadas peças de indústria *abbeyillense*, e do *acheulense* antigo e médio. Este estudo é acompanhado de boas fotografias das peças recolhidas.

*

O Sr. Joaquin Mateu descreve várias estações de arte rupestre do Sahara espanhol. E' um trabalho louvável, pois, até à data, apenas eram conhecidas algumas gravuras estudadas respectivamente pelos Professores Santa-Olalla e Martin Almagro. Nas novas estações, dadas agora a conhecer pelo Sr. Mateu, apareceram gravuras interessantes da fauna pré-histórica norte africana: avestruzes, elefantes, antílopes, girafas, bovídeos, leões, rinocerontes, cavalos, gazelas, hienas e canídeos — uma verdadeira arca de Noé! Apareceram também algumas representações da figura humana, di-

versos desenhos geométricos, o esboço de uma palmeira, e ainda um carro com cavalos atrelados.

O Sr. Mateu considera do segundo milénio antes de Cristo os mais antigos exemplares de este notável conjunto de gravuras, datando porém algumas delas de uma época muito mais próxima de nós, provavelmente dos últimos séculos anteriores à era cristã. Atribui estas manifestações de arte rupestre aos habitantes dos antigos povoados de agricultores e pastores dos oásis artificiais saharianos, dos quais descendem os nómadas actuais, adaptados às novas condições de vida de um ambiente que, a pouco e pouco, se transformou no maior deserto do mundo.

*

Os estudos do Sahara espanhol têm merecido nos últimos anos aos investigadores do país vizinho, designadamente aos Professores Santa-Olalla e Martin Almagro a mais proveitosa atenção. A África do Norte foi, como se sabe, berço de grandes civilizações e de culturas prehistóricas, que exerceram múltiplas influências nos povos da Península Hispânica. Num trabalho que o Sr. Professor Almagro insere neste volume de AMPURIAS, é estudada uma estação neolítica de tradição *capsense*, situada numa extensa plataforma, não longe de *El Aiun*, denominada Taruma, na qual existem duas dessas características depressões, a que no local chamam «sebjas», que se encontram a uns 10 quilómetros da costa atlântica, por alturas do Cabo Bojador, tão ligado à história das primeiras viagens atlânticas dos navegadores portugueses.

Nestas «sebjas», ou depressões, exploradas pelo Sr. Dr. Almagro Basch, a mais pequena das quais mede 300 metros de perímetro, e a maior tem 400 metros de largura máxima, e 20 de profundidade na parte central—recolheu o insigne professor de Barcelona vários sílices neolíticos, facas, raspadores, micrólitos trapezoidais, perfuradores, buris, pontas de seta, etc.

E' curioso o fenómeno geológico que, nos terrenos húmidos desta região do Sahará, deu lugar à formação das «sebjas», as quais primitivamente constitui-

riam lagos, ou grandes charcos, hoje secos. Com razão supõe o Sr. Almagro que as «sebjas», tal como se nos apresentam actualmente, não teriam sido ocupadas pelos primitivos habitantes dessa região, e que o material encontrado em tais depressões corresponde ao tempo em que o nível do terreno era o mesmo da plataforma envolvente, ou seja, à época anterior ao seu afundamento.

Segundo o professor Almagro informa, a notícia desta estação neolítica não é mais do que um estudo isolado, fazendo parte de um conjunto que brevemente será publicado com o título de *La Prehistoria del Sahara Español y los problemas paleontológicos del Norte de Africa*.

*

O Sr. Salvador Vilaseca, Director do Museu Municipal de Reus, estuda uma gruta onde recolheu produtos de uma indústria, que atribui ao eneolítico inicial. Essa gruta, que o autor já reconhecera em 1932, está situada na Serra de Les Quimeres (Tarragona). Por infelicidade, o material inicialmente recolhido perdeu-se durante a guerra civil, reportando-se agora o Sr. Vilaseca aos apontamentos deixados pelo falecido escavador dessa estação, Salvador Estrem, e a algumas notas recolhidas por êle próprio.

O material exumado era constituído por interessantes vasos de forma ovóide, diversos objectos de osso, machados de pedra, contas de calaíte, etc.

*

Panyella y Tomaz Maigi descrevem várias estações arqueológicas da região de Sena (Huesca): povoados, necrópoles de incineração, um suposto dolmen, um sepulcro romano, etc. Os autores agrupam estas estações em três períodos diferenciados culturalmente: o primeiro constituído pelos restos de povoados em que o material usado era o silex (micrólitos, serras, lascas), e na étape mais recente o metal; o segundo constituído por estações da Idade do Ferro; e o terceiro por estações nitidamente romanas.

*

O Sr. Maluquer de Mottes dá-nos um extenso trabalho de sistematização, valiosa síntese intitulada *Las culturas hallstáticas en Cataluña*, que abrange, em linhas gerais, o conjunto da primeira Idade do Ferro na Catalunha, estudado por Bosch Gimpera, ao qual etnograficamente corresponde a chamada invasão céltica. O autor prescinde todavia, neste seu trabalho, de certas classificações que considera ainda demasiado prematuras. Limita-se a estudar e catalogar, de um modo objectivo e concreto, os achados e estações arqueológicas principais da Catalunha, que revelaram elementos hallstáticos correspondentes à chegada de elementos dos chamados *campos de urnas*, de além Pirineus.

Este trabalho constitui a segunda parte da tese de doutoramento do autor, em 1945, na Universidade de Madrid, a que deu o título geral de *Las invasiones europeas en el nordeste de España durante la Edad del Bronce y primera edad del Hierro*. Analisa metódicamente todos os achados contemporâneos da cultura dos *campos de urnas*, começando pelo estudo das necrópoles, todas elas de incineração, que, por serem as estações que caracterizam aquele povo de cultura hallstática, facultam os achados mais típicos.

Alude seguidamente o autor aos *povoados e grutas*, umas que serviam de habitação, outras sepulcrais. Estuda depois detalhadamente as séries tipológicas da cerâmica, que divide em 13 grupos distintos, segundo a técnica da decoração, aludindo também, sob o ponto de vista dos aspectos morfológicos, a 50 espécimes diferentes, entre urnas e respectivas tampas, vasos e taças diversas.

Relaciona em seguida os bronzes: espadas de antenas, pontas de seta, lanças, punhais, machados de alvado, fivelas, anéis, braceletes, torques, brincos, etc.

Por último, divide este conjunto arqueológico em 3 grandes grupos, de harmonia com certas diferenças culturais, a saber: o do Noroeste da Catalunha, o de Tarrasa, e o de Agullana-Molá. Estuda a sobrevivência destes elementos hallstáticos na Catalunha, e

finalmente a relação destes grupos com os dados cronológicos, o que lhe permite estabelecer um breve quadro do processo de penetração da cultura dos *campos de urnas* na Península Ibérica.

Acompanha este trabalho modelar, no qual transparece o método dos grandes mestres pré-historiadores da escola barcelonesa, como Bosch, Pericot e Almagro, de uma série de gráficos, desenhos e estampas, que completam a documentação do notável estudo.

*

O Sr. Ortego y Frias estuda um povoado ibérico chamado o *Castelillo*, em Alloza (Teruel), cuja exploração se limitou aos achados de superfície, reduzindo-se esses achados quase exclusivamente a fragmentos de cerâmica pintada, do tipo ibérico, um dos quais muito interessante, representando uma curiosa cena de caça.

*

Também o Sr. Colomiñas Roca estuda um outro povoado ibérico muralhado, existente em Turó de la Rovira, que considera um tipo de estação arqueológica paralelo aos da costa levantina da Catalunha, característicos dos séculos III-II a. C. Realizou ali o autor escavações, durante uma campanha de três meses, exumando variado material e escavando numerosos silos, onde recolheu curiosa cerâmica, uma fabricada à mão, outra ao torno.

*

O Sr. Cirici Pellicer apresenta um estudo das igrejas de Tarrasa; e, contraditando a opinião do Professor Gomez-Moreno, conclui que se trata de um conjunto muito importante, da época visigótica, pertencente a um grupo de basílicas episcopais, com seu baptistério, datáveis do século VI, ou princípios do VII.

*

Os insignes especialistas da numismática hispânica, Srs. Mateu y Llopis e Pio Beltran dão-nos dois subs-

tanciosos artigos, o primeiro sobre *Hallazgos monetarios* (IV da série que vem publicando), e o segundo sobre *Las monedas griegas ampuritanas de Puig Castellar*.

O Sr. Mateu y Llopis insere, na documentação gráfica que acompanha o seu importante artigo (Lamina VI, n.º 12), um triente de Viterico batido em FLABAS, hoje pertencente ao Instituto de Valência de D. Juan (Madrid). Esta moeda veio confirmar a opinião do nosso ilustre numismata Sr. António Elias Garcia, acerca da existência de uma ceca em FLAVIAS ou FLAVIIS, revelada por um triente de Recaredo, que este estudioso supõe batido em Chaves, e que publicou em 1944, na *Revista de Guimarães*.

*

Segue-se o *Noticiário Arqueológico*, com breves mas interessantes comunicações, subscritas por Pericot, Salvador Vilaseca, Serra Rafols, Luís Monteverde, Almagro, Mateu y Llopis, e outros nomes bem conhecidos. Esta secção inclui também uma notícia do Sr. Russell Cortez, Conservador do Museu Nacional de Soares dos Reis, acerca de uma ponteira visigótica de ouro, pertencente à bainha de um punhal achado em Vila Nova de Paiva.

*

Finalmente, a *Bibliografia* fornece-nos importantes notícias e resenhas críticas sobre muitas obras de tomo recentemente publicadas, tratando de arqueologia, epigrafia, arte, etc., e alude também a diversos trabalhos portugueses, entre os quais estudos dos Srs. Afonso do Paço, Rev. Eugénio Jalhay, Luís Pinto Garcia, Abel Viana, António Elias Garcia, José Coelho, Raul Couvreur, António Azevedo, etc. Deste último, diz o crítico (ao concluir a rápida análise de um artigo incluído no anterior fascículo da *Revista de Guimarães*, acerca da nova interpretação dada ao Monumento funerário da Citânia) ter pretendido apenas resumir os pontos de vista do autor, que aliás reputa ousados, não os considerando a última palavra sobre o importante monumento.

Em resumo, este volume, de perto de 500 páginas, da famosa revista AMPURIAS contém densos materiais de estudo e constitui, para os devotos da Arqueologia, um verdadeiro regalo espiritual e uma fonte valiosa de notícias do maior interesse científico.

CONSEJO SUPERIOR DE INVESTIGACIONES CIENTÍFICAS.
Instituto Diego Velazquez. *Archivo Español de Arqueologia*. Año 1949. Homenaje a Portugal. Madrid, Tomo XIX, N.ºs 62, 63, 64.

Entre as publicações do «Instituto Diego Velazquez», a que brilhantemente preside o Sr. Marquez de Lozoya, sobressai, como das mais importantes, o *Archivo Español de Arqueologia*, revista de categoria europeia, dirigida desde 1945 (N.º 50) pelo eminente catedrático, Professor de Arqueologia da Universidade de Madrid, Dr. Antonio Garcia y Bellido.

Teve início este importante Archivo em 1925, como publicação do Centro de Estudos Históricos, sob o título de *Archivo Español de Arte y Arqueologia*, dirigido pelos Professores Gomez Moreno e Tormo y Monzó; e em 1940, sendo seu Director o Professor Sanchez Cantón, fraccionou-se em *Archivo Español de Arte* e *Archivo Español de Arqueologia*.

Deste último, temos presente o n.º 64, o mais recente, correspondendo ao 3.º trimestre do ano findo. Os quatro fascículos relativos ao ano de 1946 constituem uma cativante «Homenagem a Portugal», inserindo este volume colaboração de alguns estudiosos portugueses, infelizmente poucos até agora: Abel Viana, Russell Cortez, e o autor destas linhas.

A colaboração espanhola é notável e inclui belos trabalhos firmados pelo prestigioso director da Revista, Sr. Professor Garcia y Bellido, pelo insigne Director do Museu Arqueológico Nacional de Madrid, Sr. Taracena Aguirre, pelos conhecidos pré-historiadores galegos Cuevillas, Bouza Brey e Jesus Taboada, pelos Srs. Torres Balbás, Gil Farrés, Buruaga, Garcia de Soto, Fernandez de Avilés, Ortego Frias, I. Albert, e Moltó. O notável investigador austríaco Sr. Guilherme